

## Jesus, o Verbo Divino

No nosso capítulo (post) sobre a doutrina de Deus, vimos que Myer Pearlmann destaca várias referências bíblicas que enfatizam a divindade de Jesus Cristo. A linguagem dos escritores do Novo Testamento era de que Ele está “... *sobre todas as coisas, Deus bendito para sempre*” (Rm 9.5). Estas crença e experiência espiritual dos cristãos apoiavam estas afirmações. Ao conhecer a Jesus, conheciam-no como Deus. É neste sentido, que queremos estudar neste post, embora de forma limitada, o significado do Logos ou Verbo, tendo como referência o prólogo do Evangelho de João. Informações complementares, mas tão importantes quanto o texto principal, escrevi-as em NOTAS, as quais ajudarão um pouco mais a compreensão do assunto.



### 1. O Verbo (Logos): prólogo<sup>1</sup> do Evangelho de João

“... **Logos** para João é uma pessoa, que comunica a realidade de Deus aos homens pela Sua encarnação e sacrifício na cruz... Servia o termo de ponte entre o mundo grego e judaico. Sendo Deus, o **Logos** é a perfeita expressão Deus. A revelação no A.T. era perfeita, mas incompleta. Em o N.T. é perfeita e completa ... A falta do artigo no original não quer dizer ‘um deus’ mas que o Verbo [tradução de Logos] tinha a natureza

---

<sup>1</sup> Texto resumido do Prólogo no *Comentário sobre o Evangelho de João* por A. J. MACLEOD. In: SHEDD: 1983, pp. 1063 e 1064.

divina. 'O Filho está destacado na Trindade, mas a Trindade toda não é o Verbo'".<sup>2</sup>

O prólogo do Evangelho de João não é mero prefácio ou introdução, mas uma declaração do tema central e básico no ensino do Filho de Deus, a saber, a encarnação do Verbo. O evangelista pinta o pano de fundo necessário para a revelação do evento redentor, isto é, o Verbo feito carne. O prólogo é poético na sua forma e estrutura, e constitui um hino à **Palavra** de Deus. Vejamos o texto:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam. Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio para testemunho, para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele. Não era ele a luz, mas para que testificasse da luz. Ali estava a luz verdadeira, que ilumina a todo o homem que vem ao mundo. Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome; Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1.1-14).

Nos primeiros versículos (1 e 2) encontramos um eco claro das primeiras palavras do Velho Testamento e também uma indicação do conceito joanino do Logos - palavra grega traduzida como **Verbo** em nossas versões em Português - Em Gên. 1.1 encontra-se o ato criativo de Deus (berê'shiyth bârâ' 'elohiyim 'êth hashâmayim ve'êth hâ'ârets = No princípio criou Deus os céus e a terra<sup>3</sup>), porém João 1.1 (Ev αρχη ητο ο Λογος, και ο Λογος ητο παρα τω Θεω, και Θεος ητο ο Λογος<sup>4</sup> = No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus) revela O Verbo que existe antes da criação. O

---

<sup>2</sup> SHEDD, Russell P. (Editor Responsável). *Nota de João 1.1*. A Bíblia Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, (?).

<sup>3</sup> Texto transliterado e traduzido disponível em: <<http://hebraico.top/biblia-hebraica-online-transliterada/geneses-bereshit-completo-%D7%91%D6%BC%D6%B0%D7%A8%D6%B5%D7%90%D7%A9%D7%81%D6%B4%D7%99%D7%AA-hebraico-portugues-e-transliterado/bereshit-geneses-capitulo-01-%D7%91%D7%A8%D7%90%D7%A9%D7%99%D7%AA-portugues-hebraico-transliterado/>>. Acesso em 30/05/2019.

<sup>4</sup> Texto de João 1.1, em grego, disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/greek/jo/1>>. Acesso em: 30/05/2019.

pensamento do escritor é impregnado do Velho Testamento e não devemos imaginar que o evangelista esteja tomando emprestado um termo ou conceito da filosofia grega daquela época, Ele expõe uma ideia que remonta ao ensino rabínico, concernente à Palavra de Deus. O **Logos** é o Ser cuja existência transcende o tempo. Sua pré-existência eterna é implícita. A preposição **com** (em “*com Deus*”, v. 1) implica relação e distinção. Usada com o acusativo significa não somente coexistência, mas intercomunicação direta. Plummer sugere “*face a face com Deus*”. Da expressão “*O Verbo era Deus*” (v. 1), não se deduz que o Verbo era Deus, no sentido exclusivo que o identifica com a totalidade da existência e atributos divinos; entretanto, significa mais do que divindade. Há uma implicação definida na reivindicação de Ele ser Deus. O substantivo **theos** é colocado em primeiro lugar sem o artigo, dando-lhe mais força. O **logos** é então identificado com Deus no sentido de que Ele é coparticipante (veja NOTA 10) da essência e natureza divinas e, em virtude de tal relação, pode ser considerado como Deus. No vers. 2, João reúne todas as três cláusulas da primeira sentença. O verbo **era** se usa no sentido absoluto de “existir” e não no sentido de “tornar-se”. Sua existência transcende o tempo, não sendo ele criado.

Nos primeiros versículos 3 a 5, salienta-se o fato de o Verbo “tornar-se” algo, o que corresponde ao processo criativo. O verbo é o instrumento da criação, “*pois todas as coisas foram feitas por ele*” (v. 3); literalmente pode-se dizer que “*todas as coisas foram criadas por intermédio dele*”. A origem última é o Pai, e nenhum agente intermediário teve parte no trabalho da criação, apesar da crença sustentada pelos gnósticos. “*E sem ele nada do que foi feito se fez. A vida estava nEle, e a vida era a luz dos homens*” (vs. 3,4). É excluída a possibilidade de qualquer processo criativo à parte dele. Salienta-se o pensamento de que todas as coisas criadas são sustentadas por Ele e se coadunam através do princípio de vida emanada dEle. “*A fonte de vida é necessariamente a fonte de luz*” (Cambridge Bible).

O pensamento do evangelista em “*A luz nas trevas*” (v. 5) agora abrange a esfera espiritual. O homem recebeu iluminação espiritual. Tal revestimento emana da vida que tem seu fundamento na Palavra de Deus. A conexão entre vida e luz é apontada pelo salmista (“*Porque em ti está o manancial da vida; na tua luz veremos a luz*”, Sl 36.9. Ver também: “*E esta é a mensagem que dele ouvimos, e vos anunciamos: que Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma*” (1Jo 1.5). A luz brilha no mundo, e ela está em conflito com as espessas trevas originadas na desobediência e ignorância do homem. Não se pode

apagar o testemunho à verdade divina. A luz é inextinguível e inconquistável, “*as trevas não prevaleceram contra ela*”.

Nos versículos 6 a 13, pode se destacar o Verbo em relação com a **História** humana. Sua vinda foi proclamada por João, o Batista, “*que veio para que testificasse da luz*” (v. 8). “*João [Batista] era a lâmpada que ardia e iluminava*” (Jo 5.35), porém ele é somente um reflexo da verdadeira luz, não derivada, que veio ao mundo (v. 9). O testemunho de João Batista é parte integral do texto. Por outro lado, o evangelista insiste na subordinação de João Batista ao Verbo, que há de ocupar o primeiro lugar.

A luz criadora estava presente no mundo antes da encarnação. Ela se tinha revelado imanentemente ao mundo que fora criado por ela, entretanto o mundo não a conhecia (v. 10). Mais, ainda, Jesus, a Luz, revelou-se historicamente ao seu próprio povo, Israel, que não O recebeu (v. 11). Aqui notamos a manifestação progressiva do Verbo. “*Ele estava com Deus*” (v. 2)... “*estava no mundo*” (v. 10)... “*Ele veio para o que era seu*” (v. 11). Seu próprio povo recusou acolhê-Lo. A tragédia desta oposição torna-se evidente. Contudo, todos quantos o receberam entraram em uma nova relação com Deus tornando-se “*filhos de Deus*” (v. 12), através do renascimento espiritual. Esta nova condição, que resulta da regeneração, não se explica como fenômeno psíquico, nem como experiência espírita. Esta experiência não é devido a um processo natural, envolvendo a vontade da carne, nem a vontade do homem (v. 13). Não é alcançada por nenhuma faculdade inerente do homem, mas por meio de um novo nascimento, provindo de Deus.

No vers. 14-18, João fala do **Verbo encarnado**. Há uma relação notável entre a declaração fundamental do vers. 1 e a do vers. 14. O Verbo que estava no princípio com Deus tornou-se homem; o Verbo que estava com Deus tabernaculou com os homens. Aquele que era Deus estava cheio de Graça e de Verdade, mas agora este Verbo eterno é identificado com o Cristo da História. “*O Verbo se fez carne e habitou entre nós*” (v. 14). Note-se que ao mencionar “carne” exclui-se qualquer espécie de Docetismo<sup>5</sup> e outras noções semelhantes dos tempos modernos. Nosso Senhor assumiu um corpo humano

---

<sup>5</sup> Em linhas gerais, o **Docetismo** era uma corrente doutrinária que afirmava que o corpo de Jesus era apenas uma ilusão, e que sua crucificação teria sido apenas aparente. Os docetistas afirmavam “... *que Jesus tão-somente parecia existir em forma humana, que apenas parecia ter sofrido na cruz e que depois da ressurreição retornou a uma existência espiritual incorpórea*” (HÄGGLUND: 2003, p. 18). Esta doutrina desconsiderava o fato de que “*o Verbo se fez carne*”, ou seja, Jesus Cristo humanizou-se, mediante a Encarnação.

real; ele tabernaculou entre os homens. A essência de Deus se manifesta naquele que é Graça e Verdade encarnadas. A majestade e o poder de Deus se encobriram na carne.

“*E vimos a sua glória*” (v. 14). João, o Evangelista, está falando como testemunha ocular da glória de Deus. O conceito deve ser tomado subjetivamente. “*Este conceito é moral e espiritualmente grandioso*” (Plummer). Esta “glória” se define como a “*glória do Unigênito do Pai*” (v. 14), exclusividade de sua filiação com o Pai e, conforme a palavra “como” (v. 14) sugere, a filiação de Jesus é diferente de qualquer outra espécie de filiação.

Como vimos, Gênesis 1.1 inicia-se com a criação do mundo (céus e a terra), enquanto em João 1.1, vimos que o Logos (Verbo) existe antes da criação mencionada em Gênesis e foi Ele também o criador do mundo. O Verbo “*estava com Deus*”, “*o Verbo era Deus*”, “*todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez*” (cf. vs. 1 a 3). A expressão **Logos**, na Septuaginta<sup>6</sup>, tem sido usada para traduzir a palavra hebraica **Dabhar (Palavra = Palavra de Deus)**. Mas outros sentidos também estão envolvidos no Logos, como “afirmação”, “declaração”, “discurso”, “assunto”, “doutrina”, “questão”, “razão”, “causa”, “motivo” etc.

Como afirma Pearlman<sup>7</sup>, a palavra do homem é aquela por meio da qual ele se expressa e se comunica com os seus semelhantes. Por sua palavra ele dá a conhecer seus pensamentos e sentimentos, e por sua palavra ele manda e executa a sua vontade. A palavra com que se expressa está impregnada de seu pensamento e de seu caráter. Pela expressão verbal de um homem até um cego pode conhecê-lo perfeitamente. Embora se veja uma pessoa e dela se tenha informações, não se conhecerá o suficiente enquanto ela não falar. A palavra do homem é a expressão de seu caráter. Da mesma maneira, a “Palavra de Deus” é o veículo mediante o qual Deus se comunica com outros seres, e é o meio pelo qual Deus expressa o seu poder, a sua inteligência e a sua vontade. Cristo é a Palavra ou Verbo, porque por meio dele, Deus revelou sua atividade, sua vontade e propósito, e por meio dele tem contato com o mundo. Nós nos expressamos por meio de palavras; o eterno Deus se expressa a si mesmo por meio do

---

<sup>6</sup> **Septuaginta** ou **Setenta (LXX)** foi uma tradução dos livros judaicos para o grego feita no século III a.C., durante o reinado de Ptolomeu Filadelfo (285-245 a.C.), para a sua biblioteca em Alexandria, no Egito. Esta versão recebeu este nome por causa da quantidade de tradutores, um tanto inexata, que era de setenta e dois anciãos, e foi feita também para atender a conveniência de alguns judeus de fala grega, que por causa da influência do helenismo desconheciam sua própria língua. Veja mais sobre isto em: <<http://amorim.pro.br/?p=2551>>.

<sup>7</sup> PEARLMAN: 1978, pp. 100 e 101 (Op. Cit.).

seu Filho, o qual "é a expressa imagem da sua pessoa" (Hb 1.3). Cristo é a Palavra de Deus, demonstrando-o em pessoa. Ele não somente traz a mensagem de Deus — ele é a mensagem de Deus.

O homem anelava por uma resposta mais clara à seguinte pergunta: como é Deus? Para responder a esta pergunta, surgiu o evento mais significativo da história — "E o Verbo se fez carne" (Jo 1.14). O Verbo eterno de Deus tomou sobre si mesmo a natureza humana e se tornou homem, a fim de revelar o eterno Deus por meio de uma personalidade humana. "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho" (Hb 1.1,2). De modo que à pergunta "como é Deus?", o cristão responde: Deus é como Cristo, porque Cristo é o Verbo — a ideia que Deus tem de si mesmo. Isto é, ele é "a expressa imagem da sua pessoa" (Hb 1.3), "a imagem do Deus invisível" (Cl 1.5).

## 2. A cristologia do Logos (Verbo)

"Uma palavra é um meio pelo qual os pensamentos são expressos, e a aplicação dessa palavra [Logos] ao Filho eterno nos leva a crer que a auto expressão é inerente à Divindade, que Deus está sempre procurando falar com a sua criação..."<sup>8</sup>

Continuando, quero destacar o que J. N. BIRDSALL<sup>9</sup> fala sobre como foi conceituada a cristologia do **Logos**. A Palavra de Deus é a autorevelação do Logos. Ela possui um poder semelhante ao de Deus, o qual a profere (cf. Is 55.11, "Assim será a minha palavra, que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a envie!") e efetua Sua vontade sem qualquer resistência. Por conseguinte o termo pode referir-se à palavra criadora de Deus. Na literatura de Sabedoria e poder criador de Deus é referido como a Sua sabedoria, e, em certo número de passagens é referida como uma hipóstase<sup>10</sup> distinta de Deus (p. ex. Pv 8.22-30).

---

<sup>8</sup> TOZER, A. W. *Nota sobre João 1.1*.

<sup>9</sup> BIRDSALL, J. N. *Logos*. In: SHEDD: 1983, pp. 958-60 – Texto parcial e adaptado conforme o Novo Acordo Ortográfico Brasileiro.

<sup>10</sup> **Hipóstase** é um termo grego que pode se referir à natureza de algo, de uma pessoa, com personalidade própria, individual e distinta. "... Teologicamente foi desenvolvida como o termo para descrever qualquer das três substancias reais e distintas na única substancia ou essência indivisíveis de Deus, e especialmente a

Influenciado tanto pelo Antigo Testamento como pelo pensamento helênico, **Filo**<sup>11</sup> fez uso frequente do termo Logos, ao qual deu um significado altamente desenvolvido e um lugar central em seu esquema teológico. Ele deriva o termo de fontes estoicas e de conformidade com sua descoberta do pensamento grego nas escrituras hebraicas, fez uso do mesmo sobre a base de passagens tais como Salmo 33.6 (“*Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da sua boca*”), para expressar os meios mediante os quais o Deus transcendental podia ser o Criador do universo e o revelador de Si mesmo a Moisés e aos patriarcas. Pelo lado grego, Filo equiparou o Logos com conceito platônico do Mundo de Ideias, pelo que se torna tanto o plano de Deus como o poder de Deus na criação. Pelo lado da exegese bíblica, Filo identificou o Logos com o Anjo do Senhor e com o Nome de Deus, o qual é descrito através de uma variedade de termos, como Sumo-Sacerdote, Capitão e Guia, Advogado (Paracletos) e Filho de Deus. O Logos é chamado então de um segundo Deus, e, por outro lado, é descrito como o Homem Ideal, o Padrão da criação terrena do homem por parte de Deus. Apesar de toda essa terminologia de personificação, entretanto, o termo permanece – inevitavelmente, em vista do inquebrantável Judaísmo de Filo (pelo menos quanto à intenção) – como um termo e instrumento filosófico e teológico.

Um outro possível fator determinante do uso do Logos, nas passagens que precisamos examinar, é o emprego desse termo para significar a mensagem evangélica. O termo é usado de modo absoluto (exemplo, pregar a Palavra) e com certo número de genitivos (a Palavra de Deus, de Cristo, da cruz, da reconciliação, da vida etc.). Esses genitivos mostram que a história evangélica é encarnada no Novo Testamento essencialmente como uma apresentação do próprio Jesus; Ele é a Palavra que é pregada. Mas isso de forma alguma é sempre implícito na frase.

Birdsall destaca os três lugares na Bíblia, onde o uso do Logos aparece em sentido técnico: João 1.1 e 14, 1João 1.1-3 e Apocalipse 19.13 (todas as passagens do mesmo

---

*única personalidade unificada de Cristo, o Filho, em Suas duas naturezas, a humana e a divina...*” (WARD, W. E. *Hipóstase*. In: ELWELL: 1990, p. 252.

<sup>11</sup> **Filo** ou **Filon de Alexandria (10 a.C - 50 d.C)** “... foi um dos mais renomados filósofos do judaísmo helênico, interpretou a bíblia utilizando elementos da filosofia de Platão, para ele o Demiurgo de Platão é o Deus criador dos hebreus... Para ele existe um Deus único, incorpóreo e que não tem princípio. Deus criou o Logos, que é a atividade intelectual de Deus, e ao Logos devemos a criação do mundo. O Logos é o que está entre Deus e os homens, é o intermediário da relação entre os dois. O Logos é o ser mais antigo, o primeiro a ser criado por Deus e é também a sua imagem...” (Disponível em: <[http://www.filosofia.com.br/historia\\_show.php?id=39](http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=39)>. Acesso em: 04/06/2019.

autor: João). Só queremos destacar, ainda, sobre João 1.1, o que Filo fala a respeito. Para ele, neste texto, há um esquema claramente teológico em que a Palavra possui uma unidade semelhante com Deus e uma semelhante distinção entre si mesma e Deus, e na qual tanto a atividade criativa como a atividade sustentadora do universo e a atividade revelatória para com o homem se atribuem ao Logos. Além disso, o conceito necessariamente sem paralelo da encarnação é, não obstante, um desenvolvimento apropriado da identificação do Logos com o Homem Ideal.

O certo é que, como afirma B. Hägglund<sup>12</sup>, a cristologia do Logos visa responder a questão mais difícil da fé cristã na linguagem da época. Os apologistas [defensores da fé, principalmente do segundo século] escolheram um conceito da filosofia contemporânea e usaram para descrever o que para a mentalidade grega era absurdo – que Cristo é Deus, mas que, com isso, a unidade da Divindade não é negada. Se Cristo é apresentado como Logos, a razão divina, é natural considerar sua obra principalmente em termos pedagógicos. Ele nos transmite o verdadeiro conhecimento de Deus e nos instrui na nova lei, que nos guia ao caminho da vida. Considera-se do ponto de vista do desenvolvimento histórico do dogma, que a principal contribuição dos apologistas foi sua tentativa de correlacionar o cristianismo com a erudição grega, tentativa que encontrou sua expressão mais marcante na doutrina do Logos e sua aplicação à cristologia.

Bem, ao contrário de Mateus e Lucas que se ocupam da linhagem humana de Jesus, o evangelista e apóstolo João começa seu Evangelho falando do Verbo (*Logos*), o Cristo Deus e Criador, que *É* (existe) antes de qualquer criatura e mesmo porque sem Ele *“nada do que foi feito se fez”*. E João testifica que suas *“... mãos tocaram da Palavra da Vida”* (1Jo 1.1), porque *“... o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus”* ( Ap 19.13). O Logos que era tema de preocupação filosófica nos dias de João, depois dele serviu de ponte entre a filosofia e o cristianismo, como também para a elucidação dos dogmas da encarnação do Verbo e da Trindade pelos apologistas cristãos. Veja mais sobre este assunto, acessando o link abaixo:

=====  
< <https://www.youtube.com/watch?v=tbF2OxmVi08> >  
=====

---

<sup>12</sup> HÄGGLUND: 2003, pp. 23 e 24.



**Referências bibliográficas:**

ELWELL, Walter. A. (Editor). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, Vol. II. São Paulo. Vida Nova, 1990.

HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. Porto Alegre: Concórdia: 2003.

PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 1978 (7ª ed.).

SHEDD, Dr. Russell P. (Editor). *O Novo Comentário da Bíblia*, Vol. II. São Paulo: Vida Nova, 1983 (reimpressão).